

## Resenha de livro

**Global Unions, Global Business: Global Union Federations and International Business.** Por Richard Croucher e Elizabeth Cotton. Londres: Middlesex University Press, 2009, 146 páginas. ISBN 978-1-904750-62-8.

Resenhista: Katiúscia M. G. Espósito (Unicamp)  
kgalhera@yahoo.com.br

Dentre os considerados “novos” temas das Relações Internacionais e da Sociologia do Trabalho, indubitavelmente figura o sindicalismo inter ou transnacional. As Federações Sindicais Internacionais (FSI), também conhecidas como *Global Union Federations* (GUF) ou “internacionais”, são alguns destes sindicalismos que operam na arena internacional. Apesar da maior parte das GUF ser centenária, são escassas as pesquisas acadêmicas que se apoiam inteiramente sobre essas organizações, embora existam inúmeras publicações correlatas ou que abordem de forma secundária o sindicalismo inter ou transnacional, como aquelas relacionadas aos Acordos Marco Internacionais (AMI) ou *International Framework Agreements* (IFA); tema que merece maiores investigações, tendo em vista sua importância no cenário das atuais relações de trabalho. Nesse momento, faz-se mister mencionar que AMI são aqueles acordados entre os dirigentes sindicais das GUF e os diretores das matrizes de multinacionais; em tese, estes acordos atuam em cascata: as matrizes notificam as filiais de seu conteúdo, atingindo a base dos trabalhadores das empresas que celebraram os contratos.

O livro de Richard Croucher e Elizabeth Cotton, *Global Unions, Global Business: Global Union Federations and International Business* (ainda sem tradução para o português) preenche parcialmente essa lacuna ao abordar as GUF de todos os setores industriais. Ele está dividido em três partes. Na primeira, *Contexts*, os autores introduzem o leitor ao tema do livro e procuram investigar o contexto histórico, social e econômico no qual os trabalhadores se encontram, além da história das GUF ou “internacionais”.

Assim, na introdução, Croucher e Cotton argumentam que as questões atuais sobre as quais as “internacionais” se debruçam têm sua gênese em um contexto caracterizado pela nova divisão internacional do trabalho, pela realocação da mão-de-obra, pelas diferentes formas de gerenciamento dos Recursos Humanos, como o *High Performance Work System*, pelo toyotismo ou sistema Ohno, pela produção enxuta (*lean production*) e pelas políticas de liberalização.

O objetivo do segundo capítulo, *Globalisation and Unions*, é descrever o quadro no qual as “internacionais” operam. Os autores destacam as consequências da dimensão política

para trabalhadores e sindicatos, atentando para a fraqueza de regulações laborais em nível internacional e para a ausência de mecanismos compensatórios. Na segunda sessão do capítulo, são examinados os problemas e as possibilidades criados pelas multinacionais. Os autores concluem que é difícil para os sindicatos resolver seus problemas, tanto em nível nacional, quanto pela via bilateral (com outros sindicatos), resultando nas demandas criadas nas GUF (p. 12), como as campanhas que envolvem a participação de plantas produtivas de diversas nacionalidades.

O terceiro capítulo (*Past and Present – the History of International Trade Unionism*) aborda a gênese e a evolução das GUF. Os autores destacam a 1ª Internacional Comunista, liderada por Marx e Baukunin, como um dos primeiros movimentos de trabalhadores que tinha caráter internacional.

A segunda parte, *The work of the Internationals*, dedica-se a explicar a governança e os recursos das “internacionais”, os *International Framework Agreements* (IFA), as redes e a importância da educação. Além disso, os autores analisam o estudo de caso de uma GUF, a *International Federation of Chemical, Energy, Mine and General Workers' Unions* (ICEM) para demonstrar que o trabalho em conjunto das “internacionais” com as multinacionais podem trazer benefícios reais tanto aos trabalhadores quanto à empresa. O capítulo quatro, *The Internationals – Governance and Resources*, examina as dinâmicas que ocorrem dentro das GUF. Para os autores, é necessário que exista “[...] an opportunity for developing country unions to increase their influence in the internationals” (p. 56), com o objetivo de dar voz a todos os membros dessas instituições, e não apenas aos sindicatos dos países de industrialização avançada, que já teriam grande influência em seus fóruns.

O capítulo cinco trata mais detidamente a questão dos IFA. Para os autores, em *International Collective Bargaining*, o atual modo de utilização dos acordos não maximiza sua potencialidade, e para que isso ocorra deve existir um maior envolvimento dos filiados no processo de desenvolvimento de um IFA: “[...] it seems more importante to help trade unionists to operate both technically and politically within multinationals than to attempt to create agreements they cannot use” (p. 68).

*Networks*, o sexto capítulo, aponta, em um primeiro momento, a dificuldade na definição de um termo que, para os meios sindicais, é particularmente fluído:

Defining ‘networks’ is problematic as the term is used by GUFs in multiple and often confusing ways – sometimes to describe *ad hoc* groupings, sometimes committees and even to describe a GUF (Union Network International). By ‘network’ here we mean stable groups of union representatives from different units of a multinational company or sector

who are in communication with each other [...] In practice, networks take quite different forms, with differing levels of involvement of works councils, headquarters, and non-headquarters unions, management and GUFs (p. 69).

Para os autores, não existem redes com escopo realmente global, como é o caso dos IFA. Para lograrem êxito, as atuais redes devem considerar como são formadas as redes de alcance global, a influência e a atitude da empresa, os recursos disponíveis, a habilidade da rede para facilitar a participação de diversas filiações e a distribuição espacial de seus filiados.

Croucher e Cotton ressaltam a importância da educação em todo o livro e, no capítulo sete, em particular (*International Union Education*), apontam suas vantagens. A educação cumpriria o papel de auxiliar sindicatos com *know-how*, apoderando-os na luta de seus direitos. Para os autores, a natureza do movimento operário faz com que a educação seja direcionada em termos internacionais.

*Case Study – a GUF’s Relationship with a Multinational Company* é o oitavo capítulo do livro, o último da segunda parte, em que se analisa o relacionamento da ICEM com a multinacional *Anglo American plc*. O estudo de caso mostra como o forte diálogo construído entre esses dois atores, ao longo de anos em uma dinâmica que envolveu sindicatos nos âmbitos nacionais e internacionais, pôde resultar em ações mais proativas, ao contrário das reações reativas usualmente demonstradas pelos trabalhadores envolvidos.

Por fim, o capítulo conclusivo traz algumas reflexões importantes acerca das “internacionais”. Em *The Political Decision*, os autores argumentam que “*The Global Unions are the only institutions that can develop the collective experience, articulation and collaboration between unions in the ways demanded by globalization*” (p. 119). De acordo com a análise empreendida pelos autores, em consonância com essa maior pluralidade no perfil dos filiados, a atenção deve ser dada aos países em desenvolvimento, com o objetivo de tornar tais instituições mais democráticas.

O livro de Richard Croucher e Elizabeth Cotton, comparando-se com os outros livros que abordam as *Global Unions*, apresenta três grandes qualidades: ampla revisão bibliográfica, abordagem de um tema caro e difícil aos estudiosos de movimentos sociais internacionais (redes) e destaque à educação.